

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida ao
DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Lanterna

Aparece aos sábados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assinatura para o exterior
há a diferença de porte do Correio

ENTÃO, PORQUE SE ESPERA?

Não pode ser mais infame nem mais vergonhoso o procedimento dos poderes públicos deste Estado com relação ao escandaloso crime de que foi vítima a menor Idalina de Oliveira, sacrificada à hedionda lubricidade do padre Faustino Consoni, excecração roupa que tão mal e indevidamente se acha à testa do Orfanato Christovam Colombo, estabelecimento que dizem ter por fim educar, instruir e moralizar a infância desvalida.

A lei para o caso de que se trata é letra morta, porque os homens de justiça, as senhoras autoridades entendem que acima della está a pessoa intangível do padre Faustino Consoni, cujas virtudes o tornam immune das incriminações de que codigo preceve para punição daquelles que attentam contra a vida, a honra e a dignidade de menores desprotegidos da sorte.

A principio não pôde proteger o delinqüente favorecendo a apresentação da estúpida farsa com que procuraram provar que Idalina havia apparecido, como não deram importância ás denuncias insistentemente feitas por esta folha. Agora, porém, já não ha mysterios. Tudo está desvendado.

O «veredicto» do jury decidiu as duvidas que podiam haver sobre o caso.

Entretanto, a despeito de tudo, entendem fazer ouvidos de surdez deixando de attender áquelles que pedem a punição do culpado.

E porque?

Não se trata dum crime provado?

Padre Faustino poderá parecer innocente?

Será possível? L...

Então, onde está Idalina?

E a resposta?...

Não sabem?...

Foi morta e não só morta como vítima de um attentado monstruoso por parte de quem deverá protegê-la e ampará-la.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

O que se espera para agir?

Mas, se é assim, se o «veredicto» do Tribunal do Jury veio esclarecer o facto, se todos os mysterios se desvendaram, se o padre Faustino apparece como unico responsavel pelo delicto, porque não o condemnaram, porque não o punem, porque não executam a lei?

Será porque o respeitam pelas suas virtudes?

Será porque a lei é feita para proteger os roupetas indecorosos?

Será que a lei se destina apenas á protecção de criminosos de alta esphera social e perseguição dos liberais que bradavam pedindo justiça?

E' o que estamos vendo actualmente, é o que temos visto e será o que temos de ver enquanto durar a malfadada organização social em que os crapulosos fargantes da dominação tripudiam sobre os direitos da humanidade escarnecendo da virtude e da coragem desassombrada dos que no jornalismo se não vendem pelo interesse de posições ou de dinheiro, dos que se não subornam, não transigem nem abdicam de sua consciencia quando julgam necessario prot-star contra a pafaria dos vis, dos hypocritas, dos tartufos que exercem posições de destaque na sociedade ou quando entendem de seu dever pedir justiça em favor de algum innocente ou reclamar a condemnacão dos que, como padre Faustino Consoni, commettem delictos que não podem ficar impunes!

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

Sair desse dilema é uma necessidade, porque o povo não deve ser tão ridiculamente burlado pelos que se dizem incumbidos de salvaguardar a sua honra e dignidade.

Ou ha lei, e o padre Faustino precisa submeter-se a ella, ou não ha, e neste caso, fecham-se os tribunales e demittam-se os representantes da justiça.

Uma coisa ou outra!

cynicos criminosos que não o podem enfrentar: numa capital finalmente, como esta, onde todos os recursos encontrados na justiça falliram, somente assim poderíamos reduzir a mais simples situação os corripes de casaca e de batina.

A candidatura do assassino de Idalina tem uma alta significação pois assim, só suffragando nas urnas o seu nome e onde suffragado será igualmente o do conselheiro carola, mais uma vez rindo — castigamo-los, rindo — ridicularisamo-los a elles, a farsa eleitoral e a farsa que tem o nome de Justiça.

Estamos, portanto, satisfeitos: este facto representa categoricamente mais uma victoria nossa; mais uma vez será arrastada a lama donde não pôde sair, com todo o seu cortejo de adeptos — clero, justiça, autoridade e tudo que infelicita e traz a dor e a miséria humana.

E assim, com a critica mordaz, havemos de continuar até que respondam: Conjunção de mazelas — onde está Idalina?

Henrique Martins.

Um desagravo

MONTEVIDEO, 21 — Nos tempos catholicos celebravam-se, pelas mãos, cerimonia de desagravo á religião, além de outras commemoativas das cinzas.

(Do jornal).

E têm razão os bons catholicos nossos vizinhos de estarem aborrecidos.

O governo uruguayo, transfirido o carnaval para quarta-feira de cinzas e dias seguintes, estabeleceu um precedente que muito veio prejudicar o que até agora tinha andado tão bem: a perfeita harmonia entre as festas pagãs e christãs.

Sabem os musulmanos, chins, indus e mais gentias que a maioria dos povos de Christo, ha quasi duas decenas de seculos, durante alguns dias, tres ou mais de cada anno, tornam-se pagãos em homenagem aos costumes do grande povo romano de que foram tributarios desde os tempos de Julio Cesar, pai do republicano inflexivel Marcus Brutus, que com o seu amigo Cassius e outros matou o assassinar, dizem, para livrar Roma da oppressão de que se queixavam todos os espiritos liberais da epoca.

As saturnaes e as bacchanas dos nossos illustres antepassados eram as festas dedicadas á vida e á alegria.

Dizem mesmo que nesses dias de folgança desapareciam todas as regalias estabelecidas e accetadas, á força, talqualmente como hoje, já se vê, e que até os escravos podiam bater nos seus senhores, o que nunca se atreveram fazer, porque, uma vez entrado tudo na Ordem, pagariam bem caro o graciejo...

O catholicismo pintou-lhes em seguida o seu carnaval — o da tristeza, o da morte.

Eis porque não admittem os padres que se confundam os dois — o de terça-feira gorda com o de quarta-feira de cinzas.

A meu ver tem muita, multiplissima razão, como já disse acima, dos templos com a cruz de cinza pintada na testa, depois de terem ouvido o terrivel «Memento quia pulveris es» — lembrai-vos que é pó — se misturarem com outros mascarados, com os domínios de seda a occultar formas estheticas de corpos femininos a gozarem da liberdade de vir, saltar, lançar os perfumes sublis que embriagam a alma e que abrem as portas do inferno a estes loucos, enquanto que os outros, os de cruz á testa, tristes e contrictos de ainda pertencerem a esta vida, preparam-se para os celestiales prazeres da eterna existencia.

Cá pela nossa terra, uma morte recente tambem veio mudar, este anno, ou antes, prolongar o carnaval, sem, porém, de leve o governo ter tocado na nossa sacral religião. Isto porque temos o



A Santissima Trindade ao serviço do papa

fin, a fineza diplomatica que faltam aos semi-barbaros platinos para sairem bem das situações difficilissimas.

E o melhor, para gaudio geral, é que este anno, em vez de um carnaval teremos outro no sabbado de Alleluia e domingo de Paschoa.

E quando os sinos repicarem, os foguetes, estourarem as bombas annunciando o terminer de uma farsa lugubre, buffa, uma gargalhada immensa far-se-á ouvir, prenuncio, quem sabe, de grandes acontecimentos que se preparam para a humanidade seignosa de vida livre e feliz.

Insensivelmente, aqui e acolá, o vetusto e carcomido edificio, abriga que foi da ignorancia, vai se esborçoando e em seu lugar se está construindo o magnifico, o deslumbrante templo, abriga da Verdade, obra da Sciencia e da Razão manietadas pelos carnavalescos comi-tragicos de tempos que se vão.

E não haverá mais, por certo, motivo para desagravos.

Adreal.

Rio, 26 — 2 — 912.

A IRMÃ CANDIDA

foi condemnada a

18 mezes de prisão

PARIS, 22 — O Tribunal Correccional condemnou a desfeito mezes de prisão a «Irmã Candida», autora de uma «escroqueria», commetida recentemente e com a qual ficaram prejudicados varios negociantes de joias.

Grite agora a clericalinha que sonos difamadores vulgares. Entretanto os factos que aqui vamos registados sem solução de continuidade têm mais força que as simples affirmações de innocencia e de santidade.

A irmã Candida errou, foi imprudente em praticar o seu apostolado de caridade na França. No Brasil teria todas as garantias, poderia ser martyr e virgem como o nosso S. Faustino.

Poderia até, quem sabe, ser a seu lado a nossa presidenta...

Disposimos de alguns pacotes de numeros atrasados da Lanterna para serem distribuidos gratuitamente.

UM MILAGRE!

Como todos sabem e consta dos divinos archivos, ha um Deus que nos governa e uma legião de segundas pessoas que são na vida os nossos assistentes. Essa legião, esses piedosos assistentes, sabe bem, são os anjos e os santos. Nossa Senhora tem força como Deus, segundo uns immensamente mais, segundo outros. Christo não se distingue Eterno em coisa alguma, senão no nome.

Mas tanto os grandes como os pequenos assistentes, abram estranhos prodigios, fazem espantosos milagres. Todos podem, por exemplo, suspender as leis da natureza com a mesma facilidade com que nós movemos um dedo, ou mudar a face do mundo com a mesma semcermonia e promptidão com que nós aparamos um lapis ou desaparamos um botão. A palavra difficuldade não existe mesmo no divino vocabulario.

Ou não é isto o que sempre affirmaram os padres e a divina liturgia? E. Pois bem, oqam.

Na Pamphila da Serra acaba de ser reduzida a um montão de cinzas a rica e antiquissima igreja daquella villa. Affirmam noticias locais que o incendio foi tão terribel e de tal modo assustador que não houve maneira de se salvar coisa nenhuma. Apenas um popular, com evidente risco de vida, conseguiu arrebatado o sagrado vaso, quando já o sacratio ardia em chamas!

E assim Deus foi salvo por um labrete, que de resto não devia nem polla tocar-lhe. O leigo que toca num objecto de tanta santidade — sabem-no todos — é réu de excommunição maior!

Ah! esta noticia é tão extrordinaria, que eu ha oito dias que a trazia escondida no fundo da minha pasta, á espera que ella fosse desmentida. Não o foi. E', pois, terrivelmente certa, sacrilegio e verdadeira.

Ardeu a casa de Deus. Deus proprio correu perigo chegando ainda a chamuscar-se. A sua propria mãe, aquella que sempre foi immaculada e immaculavel, já andou nos trambolhões, entre varias materias corruptas, até que se tostou e se abraçou e se fez cinza e se fez pó e se fez nada! Os santos dos altares, os anjos dos sacratio, tudo foi reduzido á mais «adua» e desprezível das coisas: o entulho. E não só os santos: tudo o que dentro havia.

Imagens riquissimas, vasos sagrados, esplendores divinos, calices consagrados, paramentos de finissimo damasco, camolas, ervetos, santos oleos, aguas bentas, cruces, hissope, turbilhos, navetas, custos dias, relicarios, mysterios, rituaes, cantochões, evangelhos, missas, velas, casilhas, lampadas, crucifixos, retabulos, poleos, incenso, pulpitos,

confessionarios, guítes, bandeiras, nada pôde salvar-se!

Ah! mas então os santos não tem o poder do milagre? Não nos curam? Não nos salvam? Não nos salvaram? Porque não previram ao menos o incendio? Deus, que está sempre em toda a parte, fallaria por acaso ali? Não devemos perdoar tal heresia. Dar-se-ia um descuido do céo? Não temos direito a proferir tal blasfemia. Haveria impotencia da parte das divindades em poderem salvar-se? Tambem é impiedado pensar tal. Quantos casos se conhecem de santos que abandonaram os seus templos e subindo e descendo serras se foram anichar em tocos de castanheiros!

E estes nem sequer do altar saltaram. E contudo bastava-lhes deitarem-se abaixo e rebolarem até á porta.

A Deus bastava-lhe abrir o sacratio e descer. Era tão facil. Para baixo, que santo ha que não ajude? Portanto, não tiveram desculpa. Morreram por impotencia. Não mereciam o que ainda se lhes fez. Qualquer de nós, mesmo aleijado, mesmo cego, não se deixaria assim queimar.

Não é isto verdade?

Agora que hei de eu dizer-vos, penitentes sem Deus e sem imagens, para vos consolar? A unica coisa que se deve dizer, isto é — que adores apenas o que deve adorar-se — que é o Bem e a Verdade. Santos de pau, imagens de barro, não coizão condemnadas da contiencia da materia. Eterno, só a Verdade.

Procurai, pois a Verdade. Ella não tem templos nem imagens. E contudo tel-a-eis sempre á vossa vista. Porquê? Só ella é immensa, porque só ella é a mãe dos seres.

Thomas da Fonseca

Etc... etc...

Ninguém, mais que nós, julga perfeitamente dispensavel a presença de um padre junto de um moribundo na hora solenne do traspasse.

Entretanto, não deixamos de notar o facto de haver o Arcebispo recusado comparecer, pela madrugada, ao palacio de Itamaraty, onde agonisava o barão do Rio Branco e onde fora chamado pela baronessa de Werther, sua filha, para lhe assistir nos ultimos momentos.

Sabe-se que foi o sr. Rio Branco que obteve para o sr. Arcebispo o chapéu cardinalicio que, por signal, nos ficou um tanto salgado. Mas o sr. Arcebispo, que se dizia amigo intimo do barão, preferiu ficar no calor do lado alfofado de príncipe da Igreja, a expor-se a contrahir um resfriado, indô de autovenivel, a deshoras, levar um conforto moral á familia do homem a quem devia todas as honras que obtivera e que então se achava no limiar da morte.

Por isso, o cardinal que tempe pela sua carcassa a qual lhe impõe frequentes temporadas em Poços de Caldas, achou mais prudente enviar em seu lugar um monsenhor qualquer — João Pito ou Amorim — para administrar o barão.

E' que toda a gente sabia que sobre o enfermo pesava um prognostico fatal... que a sua vida estava por minutos...

E o cardinal via muito bem que não valia a pena sacrificarse por um astro já no occaso... da existencia, já prestes a desaparecer para sempre nos horizontes da vida... — I.

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

De ordem da directoria, convindo todos os srs. associados a esta assembleia geral que se realizará quinta-feira, 7 de março, ás 7 horas da noite, rua General Camara n. 335.

Ordem do dia: Eleição da nova directoria para anno de 1912. O 2.º secretario, C. A. de Lacerda.

HOSTIAS AMARGAS

Houve no mundo um homem chamado Jesus Christo.

(Criticia historicas).

Eis o thema da primeira de uma serie de conferencias que resumem que está realizando na cathedra do Rio de Janeiro o bispo auxiliar da archidiocese.

Conhecemos perfeitamente o systema dos oradores ecclesiasticos quando abordam tarcas e insinuam, que Jesus existia, e natureza. Elles assumem a pretensão de provar mathematicamente os themas que apresentam e acabam deixando a questão no mesmismo pé que dantes, sem lhes terem feito progredir de uma linha sequer.

Não faz muito, achavamos-nos em uma cidade do Triangulo Mineiro, na mesma occasião em que todos os dias arengava aos seus habitantes o celeberrimo monsenhor Miguel Martins, que se dizia em trabalhos de missão.

Certa noite, estavam, por desfastio, na igreja a ouvir-lhe esbravejar contra a sociedade moderna, quando de sua bocca ovou, com surpresa perfeita explicavel, que elle detestava que no dia immediato comparecessem ao seu sermão todos os intelectuaes da terra — engenheiros, medicos, advogados, jornalistas, professores, porque a todos queria apresentar provas mathematicas da existencia de Deus.

Escusado é dizermos que, no outro dia, á hora aprazada, estavam mesmo em baixo do pulpito, donde o extraordinario orador devia cortar o nó gordio de uma questão que, em todos os tempos, tem preocupado o espirito da humanidade em peso, sem que esta tenha podido encontrar-lhe uma solução satisfactoria.

Qual, porém, não foi a nossa desillusão, quando verificamos que o monsenhor, que promettera dar a demonstração mathematica de que Deus existe, não ia além de Barbe, Soriano e Pelissier, limitando-se a reproduzir os ridiculos e estalados argumentos do religio que subentende um rejoleiro para seu autor, do consenso unanime dos povos, como se um argumento dessa natureza tivesse valor em sciencia e da temporalidade da materia, como se a verdadeira philosophia não seja a primeira a attestar que a materia é eterna e indestructivel.

Naturalmente os argumentos de que vai servir-se o bispo auxiliar do Rio de Janeiro serão os mesmos moldes dos do monsenhor Miguel Martins. E ao cabo da sua empreitada, elle terá a convicção de que deixou por conta para o mais b as dez theses com que, aos domingos e quintas-feiras, está narrando no auditorio na cathedra metropolitana.

Nós vamos acompanhá-lo pela passiva na sua rota e trataremos de examinar se essas theses são verdadeiras e se ellas autorizam os padres a se presumirem senhores e dominadores da humanidade, qual thes é o intento maufeito.

Houve no mundo um homem chamado Jesus Christo. Diciturum tantum.

E' o caso de se dizer: «Pode ser que sim, e pode ser que não». Desde o momento em que a Judá perdeu a sua independencia, tornando-se tributaria do Imperio Romano, tornou-se o sonho dourado dos hebreus o apparecimento de um homem que restituisse o reino de David e Salomão, e que levantasse a familia de Israel do estado de decadencia e aviltamento em que se encontrava.

Messias appareciam então a cada momento, todos elles imbuidos da ideia de que eram suscitados por Deus para a salvação dos seus compatriotas e do numero desses seria provavelmente Jesus, que muito se compromettera pelo facto de haver se recolhido contra a casta dos phariseus, então preponderante, em lugar de procurar se attrahir a sympathia da mesma, do que teria he resultado a morte na cruz, que era o genero de supplicio então mais usado.

Causa, porém, admiração que escriptor algum dos chamados profanos, ou contemporaneos ou pouco posterior a Jesus, e entre os contemporaneos devemos salientar Joseph que era tambem israelita e a quem não podiam passar despercebidos os feitos de homem tão excepcional como seria Christo, escriptor nenhum

Como se forma uma nova religião

O prof. B.-H. Chamberlain publicou, sob aquelle titulo, um curioso artigo no jornal racista The Literary Digest. Passo a resumi-lo.

Os japoneses, como elles próprios reconhecem, são um povo irreligioso. Todos os japoneses instruidos nos dão abertamente: «Nenhuma religião tenho, nem disso sinto necessidade alguma».

Mas, elles admittimos, como Gustavo Le Bou, pois que uma parte não pequena da humanidade cre que elle existiu, é como se de facto tivesse mesmo existido.

Latentes passivos... e vamos ao segundo thema: Jesus Christo affirmava de si proprio que era Deus.

Ignoto.

SÓROR DORIDA

A mr. Victor Balad.

A grandeza do martyrio reside na forma do martyrio. — BERNST — India Religiosa.

Alma de sermão, leve, encarecida. Não claudro roseo de uma carne em flor. Carne soberba, rigida, pompada. A' lei da vida — a grande lei do Amor!

Na cella, aos pés da Cruz, mente exaltada, luz escassa ao mystico livro. Viva Sôror Dorida, a tia creuada. Na chamma viva do seu proprio ardor...

Um dia, acharam morta, fria, bella, crispada a derma em gelido arrippe. Que conseguiu crear o lirio exangue, que conseguiu crear o lirio exangue.

— Santa Theresa! — aquella Que tantas vezes delirou de cio, Nas tempestades fúribas do sangue!

Baptista Brazil.

1911 — Belle Horizonte.

Preso por uma perna

O João... não havia quem o não conhecesse. A aldiada em que viveu era conhecido pela sua bondade, pelo seu caracter e principalmente pela simplicidade de suas opiniões. E os phariseus João eram repetidas, gloriadas em todos os tons. Não fosse imbecil, mas era ingenuo, de uma ingenuidade infantil. Excusado em emprego subterfugio, e o exercicio com exemplar exatidão.

Vivia em companhia de um tio que o estimava muito.

Era um esquivo esse tio. Por motivos que a ninguém revelou, todos os domingos, com a familia, excepto com a irmã, pouco via, mal de João. Fora morar em casa della, e em pouco tempo a situação da viuva melhorou.

Alguns meses depois a irmã morreu e a viuva ficou sozinha. A fortuna, ficara morando o tio e o sobrinho. Ora, succedeu que o tio pagou um dia seu tributo e morreu.

João, muito triste e pezaroso, mandou rezar as missas tradicionais de 7 e 30 dias.

O cura, coitado, era um bom sacerdote, muito zeloso da salvação das almas de seu rebanho.

Perdurava-o em extremo a ideia de que o tio de seu parochiano estivesse a arder nas chamas do purgatorio. «Duas missas por alma de um tio que lhe fez tanto bem, e que pecára tanto na vida de solteiro estorinha!»

João era um simples, se julgava que bastavam aquellas missas para a alma do tio seguir para o céu. E demais era ingenuo o João. O tio lhe deixara algumas dezenas de contos de reis. Que melhor applicação poderia elle dar a esse dinheiro que empregá-lo na salvação da alma do seu tio?

Elle, padre, com a responsabilidade que tinha, devia intervir...

Assim monologava o bom pastor. Pensava no meio de intervir, quando um dia encontrou a João. «Meu filho, disse com voz uncinosa, eis hoje, com a permissão de Deus, vou te levar a arder no fogo do purgatorio. Querdes desistir-lhe de soffrer, a elle, que sempre cuidas de si com tantos egredos? Algumas missas, principles te missas solennees, que são as que mais agradam ao Senhor, pois nella se presta maior preço de homenagem ao nosso Deus, bastam para tirá-lo de lá».

«Quintas missas, reverendo?», perguntou João.

Como se forma uma nova religião

O prof. B.-H. Chamberlain publicou, sob aquelle titulo, um curioso artigo no jornal racista The Literary Digest. Passo a resumi-lo.

Os japoneses, como elles próprios reconhecem, são um povo irreligioso. Todos os japoneses instruidos nos dão abertamente: «Nenhuma religião tenho, nem disso sinto necessidade alguma».

Mas, elles admittimos, como Gustavo Le Bou, pois que uma parte não pequena da humanidade cre que elle existiu, é como se de facto tivesse mesmo existido.

Latentes passivos... e vamos ao segundo thema: Jesus Christo affirmava de si proprio que era Deus.

Ignoto.

SÓROR DORIDA

A mr. Victor Balad.

A grandeza do martyrio reside na forma do martyrio. — BERNST — India Religiosa.

Alma de sermão, leve, encarecida. Não claudro roseo de uma carne em flor. Carne soberba, rigida, pompada. A' lei da vida — a grande lei do Amor!

Na cella, aos pés da Cruz, mente exaltada, luz escassa ao mystico livro. Viva Sôror Dorida, a tia creuada. Na chamma viva do seu proprio ardor...

Um dia, acharam morta, fria, bella, crispada a derma em gelido arrippe. Que conseguiu crear o lirio exangue, que conseguiu crear o lirio exangue.

— Santa Theresa! — aquella Que tantas vezes delirou de cio, Nas tempestades fúribas do sangue!

Baptista Brazil.

1911 — Belle Horizonte.

Preso por uma perna

O João... não havia quem o não conhecesse. A aldiada em que viveu era conhecido pela sua bondade, pelo seu caracter e principalmente pela simplicidade de suas opiniões. E os phariseus João eram repetidas, gloriadas em todos os tons. Não fosse imbecil, mas era ingenuo, de uma ingenuidade infantil. Excusado em emprego subterfugio, e o exercicio com exemplar exatidão.

Vivia em companhia de um tio que o estimava muito.

Era um esquivo esse tio. Por motivos que a ninguém revelou, todos os domingos, com a familia, excepto com a irmã, pouco via, mal de João. Fora morar em casa della, e em pouco tempo a situação da viuva melhorou.

Alguns meses depois a irmã morreu e a viuva ficou sozinha. A fortuna, ficara morando o tio e o sobrinho. Ora, succedeu que o tio pagou um dia seu tributo e morreu.

João, muito triste e pezaroso, mandou rezar as missas tradicionais de 7 e 30 dias.

O cura, coitado, era um bom sacerdote, muito zeloso da salvação das almas de seu rebanho.

Perdurava-o em extremo a ideia de que o tio de seu parochiano estivesse a arder nas chamas do purgatorio. «Duas missas por alma de um tio que lhe fez tanto bem, e que pecára tanto na vida de solteiro estorinha!»

João era um simples, se julgava que bastavam aquellas missas para a alma do tio seguir para o céu. E demais era ingenuo o João. O tio lhe deixara algumas dezenas de contos de reis. Que melhor applicação poderia elle dar a esse dinheiro que empregá-lo na salvação da alma do seu tio?

Elle, padre, com a responsabilidade que tinha, devia intervir...

Assim monologava o bom pastor. Pensava no meio de intervir, quando um dia encontrou a João. «Meu filho, disse com voz uncinosa, eis hoje, com a permissão de Deus, vou te levar a arder no fogo do purgatorio. Querdes desistir-lhe de soffrer, a elle, que sempre cuidas de si com tantos egredos? Algumas missas, principles te missas solennees, que são as que mais agradam ao Senhor, pois nella se presta maior preço de homenagem ao nosso Deus, bastam para tirá-lo de lá».

«Quintas missas, reverendo?», perguntou João.

Como se forma uma nova religião

O prof. B.-H. Chamberlain publicou, sob aquelle titulo, um curioso artigo no jornal racista The Literary Digest. Passo a resumi-lo.

Os japoneses, como elles próprios reconhecem, são um povo irreligioso. Todos os japoneses instruidos nos dão abertamente: «Nenhuma religião tenho, nem disso sinto necessidade alguma».

Mas, elles admittimos, como Gustavo Le Bou, pois que uma parte não pequena da humanidade cre que elle existiu, é como se de facto tivesse mesmo existido.

Latentes passivos... e vamos ao segundo thema: Jesus Christo affirmava de si proprio que era Deus.

Ignoto.

SÓROR DORIDA

A mr. Victor Balad.

A grandeza do martyrio reside na forma do martyrio. — BERNST — India Religiosa.

Alma de sermão, leve, encarecida. Não claudro roseo de uma carne em flor. Carne soberba, rigida, pompada. A' lei da vida — a grande lei do Amor!

Na cella, aos pés da Cruz, mente exaltada, luz escassa ao mystico livro. Viva Sôror Dorida, a tia creuada. Na chamma viva do seu proprio ardor...

Um dia, acharam morta, fria, bella, crispada a derma em gelido arrippe. Que conseguiu crear o lirio exangue, que conseguiu crear o lirio exangue.

— Santa Theresa! — aquella Que tantas vezes delirou de cio, Nas tempestades fúribas do sangue!

Baptista Brazil.

1911 — Belle Horizonte.

Preso por uma perna

O João... não havia quem o não conhecesse. A aldiada em que viveu era conhecido pela sua bondade, pelo seu caracter e principalmente pela simplicidade de suas opiniões. E os phariseus João eram repetidas, gloriadas em todos os tons. Não fosse imbecil, mas era ingenuo, de uma ingenuidade infantil. Excusado em emprego subterfugio, e o exercicio com exemplar exatidão.

Vivia em companhia de um tio que o estimava muito.

Era um esquivo esse tio. Por motivos que a ninguém revelou, todos os domingos, com a familia, excepto com a irmã, pouco via, mal de João. Fora morar em casa della, e em pouco tempo a situação da viuva melhorou.

Alguns meses depois a irmã morreu e a viuva ficou sozinha. A fortuna, ficara morando o tio e o sobrinho. Ora, succedeu que o tio pagou um dia seu tributo e morreu.

João, muito triste e pezaroso, mandou rezar as missas tradicionais de 7 e 30 dias.

O cura, coitado, era um bom sacerdote, muito zeloso da salvação das almas de seu rebanho.

Perdurava-o em extremo a ideia de que o tio de seu parochiano estivesse a arder nas chamas do purgatorio. «Duas missas por alma de um tio que lhe fez tanto bem, e que pecára tanto na vida de solteiro estorinha!»

João era um simples, se julgava que bastavam aquellas missas para a alma do tio seguir para o céu. E demais era ingenuo o João. O tio lhe deixara algumas dezenas de contos de reis. Que melhor applicação poderia elle dar a esse dinheiro que empregá-lo na salvação da alma do seu tio?

Elle, padre, com a responsabilidade que tinha, devia intervir...

Assim monologava o bom pastor. Pensava no meio de intervir, quando um dia encontrou a João. «Meu filho, disse com voz uncinosa, eis hoje, com a permissão de Deus, vou te levar a arder no fogo do purgatorio. Querdes desistir-lhe de soffrer, a elle, que sempre cuidas de si com tantos egredos? Algumas missas, principles te missas solennees, que são as que mais agradam ao Senhor, pois nella se presta maior preço de homenagem ao nosso Deus, bastam para tirá-lo de lá».

«Quintas missas, reverendo?», perguntou João.

Como se forma uma nova religião

O prof. B.-H. Chamberlain publicou, sob aquelle titulo, um curioso artigo no jornal racista The Literary Digest. Passo a resumi-lo.

Os japoneses, como elles próprios reconhecem, são um povo irreligioso. Todos os japoneses instruidos nos dão abertamente: «Nenhuma religião tenho, nem disso sinto necessidade alguma».

Mas, elles admittimos, como Gustavo Le Bou, pois que uma parte não pequena da humanidade cre que elle existiu, é como se de facto tivesse mesmo existido.

Latentes passivos... e vamos ao segundo thema: Jesus Christo affirmava de si proprio que era Deus.

Ignoto.

SÓROR DORIDA

A mr. Victor Balad.

A grandeza do martyrio reside na forma do martyrio. — BERNST — India Religiosa.

Alma de sermão, leve, encarecida. Não claudro roseo de uma carne em flor. Carne soberba, rigida, pompada. A' lei da vida — a grande lei do Amor!

Na cella, aos pés da Cruz, mente exaltada, luz escassa ao mystico livro. Viva Sôror Dorida, a tia creuada. Na chamma viva do seu proprio ardor...

Um dia, acharam morta, fria, bella, crispada a derma em gelido arrippe. Que conseguiu crear o lirio exangue, que conseguiu crear o lirio exangue.

— Santa Theresa! — aquella Que tantas vezes delirou de cio, Nas tempestades fúribas do sangue!

Baptista Brazil.

1911 — Belle Horizonte.

Preso por uma perna

O João... não havia quem o não conhecesse. A aldiada em que viveu era conhecido pela sua bondade, pelo seu caracter e principalmente pela simplicidade de suas opiniões. E os phariseus João eram repetidas, gloriadas em todos os tons. Não fosse imbecil, mas era ingenuo, de uma ingenuidade infantil. Excusado em emprego subterfugio, e o exercicio com exemplar exatidão.

Vivia em companhia de um tio que o estimava muito.

Era um esquivo esse tio. Por motivos que a ninguém revelou, todos os domingos, com a familia, excepto com a irmã, pouco via, mal de João. Fora morar em casa della, e em pouco tempo a situação da viuva melhorou.

Alguns meses depois a irmã morreu e a viuva ficou sozinha. A fortuna, ficara morando o tio e o sobrinho. Ora, succedeu que o tio pagou um dia seu tributo e morreu.

João, muito triste e pezaroso, mandou rezar as missas tradicionais de 7 e 30 dias.

O cura, coitado, era um bom sacerdote, muito zeloso da salvação das almas de seu rebanho.

Perdurava-o em extremo a ideia de que o tio de seu parochiano estivesse a arder nas chamas do purgatorio. «Duas missas por alma de um tio que lhe fez tanto bem, e que pecára tanto na vida de solteiro estorinha!»

João era um simples, se julgava que bastavam aquellas missas para a alma do tio seguir para o céu. E demais era ingenuo o João. O tio lhe deixara algumas dezenas de contos de reis. Que melhor applicação poderia elle dar a esse dinheiro que empregá-lo na salvação da alma do seu tio?

Elle, padre, com a responsabilidade que tinha, devia intervir...

Assim monologava o bom pastor. Pensava no meio de intervir, quando um dia encontrou a João. «Meu filho, disse com voz uncinosa, eis hoje, com a permissão de Deus, vou te levar a arder no fogo do purgatorio. Querdes desistir-lhe de soffrer, a elle, que sempre cuidas de si com tantos egredos? Algumas missas, principles te missas solennees, que são as que mais agradam ao Senhor, pois nella se presta maior preço de homenagem ao nosso Deus, bastam para tirá-lo de lá».

«Quintas missas, reverendo?», perguntou João.

Como se forma uma nova religião

O prof. B.-H. Chamberlain publicou, sob aquelle titulo, um curioso artigo no jornal racista The Literary Digest. Passo a resumi-lo.

Os japoneses, como elles próprios reconhecem, são um povo irreligioso. Todos os japoneses instruidos nos dão abertamente: «Nenhuma religião tenho, nem disso sinto necessidade alguma».

Mas, elles admittimos, como Gustavo Le Bou, pois que uma parte não pequena da humanidade cre que elle existiu, é como se de facto tivesse mesmo existido.

Latentes passivos... e vamos ao segundo thema: Jesus Christo affirmava de si proprio que era Deus.

Ignoto.

SÓROR DORIDA

A mr. Victor Balad.

A grandeza do martyrio reside na forma do martyrio. — BERNST — India Religiosa.

Alma de sermão, leve, encarecida. Não claudro roseo de uma carne em flor. Carne soberba, rigida, pompada. A' lei da vida — a grande lei do Amor!

Na cella, aos pés da Cruz, mente exaltada, luz escassa ao mystico livro. Viva Sôror Dorida, a tia creuada. Na chamma viva do seu proprio ardor...

Um dia, acharam morta, fria, bella, crispada a derma em gelido arrippe. Que conseguiu crear o lirio exangue, que conseguiu crear o lirio exangue.

— Santa Theresa! — aquella Que tantas vezes delirou de cio, Nas tempestades fúribas do sangue!

Baptista Brazil.

1911 — Belle Horizonte.

Preso por uma perna

O João... não havia quem o não conhecesse. A aldiada em que viveu era conhecido pela sua bondade, pelo seu caracter e principalmente pela simplicidade de suas opiniões. E os phariseus João eram repetidas, gloriadas em todos os tons. Não fosse imbecil, mas era ingenuo, de uma ingenuidade infantil. Excusado em emprego subterfugio, e o exercicio com exemplar exatidão.

Vivia em companhia de um tio que o estimava muito.

Era um esquivo esse tio. Por motivos que a ninguém revelou, todos os domingos, com a familia, excepto com a irmã, pouco via, mal de João. Fora morar em casa della, e em pouco tempo a situação da viuva melhorou.

Alguns meses depois a irmã morreu e a viuva ficou sozinha. A fortuna, ficara morando o tio e o sobrinho. Ora, succedeu que o tio pagou um dia seu tributo e morreu.

João, muito triste e pezaroso, mandou rezar as missas tradicionais de 7 e 30 dias.

O cura, coitado, era um bom sacerdote, muito zeloso da salvação das almas de seu rebanho.

Perdurava-o em extremo a ideia de que o tio de seu parochiano estivesse a arder nas chamas do purgatorio. «Duas missas por alma de um tio que lhe fez tanto bem, e que pecára tanto na vida de solteiro estorinha!»

João era um simples, se julgava que bastavam aquellas missas para a alma do tio seguir para o céu. E demais era ingenuo o João. O tio lhe deixara algumas dezenas de contos de reis. Que melhor applicação poderia elle dar a esse dinheiro que empregá-lo na salvação da alma do seu tio?

Elle, padre, com a responsabilidade que tinha, devia intervir...

Assim monologava o bom pastor. Pensava no meio de intervir, quando um dia encontrou a João. «Meu filho, disse com voz uncinosa, eis hoje, com a permissão de Deus, vou te levar a arder no fogo do purgatorio. Querdes desistir-lhe de soffrer, a elle, que sempre cuidas de si com tantos egredos? Algumas missas, principles te missas solennees, que são as que mais agradam ao Senhor, pois nella se presta maior preço de homenagem ao nosso Deus, bastam para tirá-lo de lá».

«Quintas missas, reverendo?», perguntou João.

A candidatura do padre Faustino

Bem diziamos: a nossa victoria foi em toda a linha, apesar da fraude vergonhosa de que lancaram para vencer, os corilheos do caroliniano candidato conselheiro.

De todos os lados do Interior chegaram-nos os ecos da grande batalha travada nas urnas entre as forças do futuro presidente da Igreja Paulista e o exercito faustinista.

Que nos importa que suba amanhã as escadarias do palacio a seraphica figura do conselheiro, quando resta-nos a satisfação de poder affirmar ter saído das urnas puro e candido o nome immaculado do chefe moral de toda essa luzida pleiade de grandes homens, de politicos cujo profundo sentimento patriótico avaliase pelo numero de visitas ao Theatro.

Embora, numa desoladora demonstração de ausencia de honestidade eleitoral, cantem victoria os inimigos da moralidade politica, nós não nos cançaremos de dizer bem alto que o candidato eleito foi o padre Faustino.

Para derrotar o candidato do dr. Pinheiro e Sul-Americano Piedade foi preciso que este Estado presenciase as fraudes as mais indecorosas.

Entristecida a victoria moral coube a S. Faustino, que foi estrondosamente consagrado como chefe de toda a illustre e clericalissima governança paulista.

No Interior

Admiravel, estupendo o resultado da nossa propaganda em favor da candidatura do purissimo padre Faustino Consoli.

De todo o Interior chegaram-nos noticias da grande actividade desenvolvida em favor do mais legitimo representante das autoridades do Estado.

As cedulas foram impressas aos milhares e os boletins por toda a parte eram vistos, attestando o alto civismo faustinista que ora se impõe a todas as nobres vontades.

Em Limeira circulou um boletim chamando aos seus postos os que desejam honrar as altas personalidades da situação governista.

Em Bauri então o entusiasmo chegou ao auge. Desenvolveu-se uma actividade tal que faz balbar de inveja todos os candidatos desta e de outras eras.

Vejam só os nossos leitores como vibra neste boletim toda a alma dos faustinistas de Bauri:

Boletim

Convidam-se os anticlericales e livres pensadores desta cidade para concorrer a eleição a realizar-se do dia 1.º de março, em a qual devem suffragar o nome despurado do

PADRE FAUSTINO CONSOLI

director do Orfanato Christovam Colombo, de S. Paulo, porque, ao lançar a sua candidatura a esse elevado cargo, prometteu-nos responder á fatidica pergunta:

Onde está Idalina?

A's urnas, pois, prezados correligionarios, que a victoria não sendo certa, não deixará, entre tanto, de ficar lavrado o nosso solenne protesto contra aquelles que pactuam contra as infamias dos celebres Consolis.

Bauri, 25 de fevereiro de 1912.

— Os Kadach.

O Tempo, daquela cidade, referindo-se a esse manifesto, assim se exprime:

«Como meio para um protesto solenne contra os poderes competentes que não quizeram punir os algos da desgraçada Idalina, não é mal.»

Enthusiasticas adhesões

Esforço inutil, baldado intento seria o de tentar descrever aqui o grande e irregular entusiasmo que despertou a candidatura do nosso puro e virgem S. Faustino para presidente da clericalissima empoileirada na governança do Estado.

Não que pudéssemos occupar todas as columnas do nosso jornal por algumas semanas não seria possivel registrar todas as calorosas declarações de adhesões por nós recebidas.

Já em dois numeros inserimos algumas dellas e hoje fazemos outro tanto.

Paciencia. Contentemo-nos apenas com as seguintes:

«Apresento a minha franca adhesão á candidatura da ratana Faustino para presidente do Estado.

Guaratinguetá — Sette Latour.»

«Aprovando a vossa lembrança, abri aqui o meu voto para que o padre Faustino Consoli, consumidor de Idalina, seja presidente do Estado.

Mattão. — Joaquim Franco.»

«E' com inequalavel entusiasmo que envio-lhe a minha cedula do nosso digno candidato á presidencia de S. Paulo.

Abaixo os

